

FLUXOS CULTURAIS

ARTE, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS

ROGÉRIO DE ALMEIDA & MARCOS BECCARI

(orgs.)

·FEUSP

FLUXOS CULTURAIS

ARTE, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS

Conselho Editorial:

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal
Alessandra Carbonero Lima, USP, Brasil
Ana Guedes Ferreira, Universidade do Porto, Portugal
Ana Mae Barbosa, USP, Brasil
Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil
Antonio Joaquim Severino, USP, Brasil
Aquiles Yañez, Universidad del Maule, Chile
Belmiro Pereira, Universidade do Porto, Portugal
Breno Battistin Sebastiani, USP, Brasil
Carlos Bernardo Skliar, FLASCO Buenos Aires, Argentina
Cláudia Sperb, Atelier Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil
Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, UFABC, Brasil
Daniele Loro, Università degli Studi di Verona, Itália
Elaine Sartorelli, USP, Brasil
Danielle Perin Rocha Pitta, Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil
Edesmin Wilfrido P. Palacios, Un. Politecnica Salesiana, Ecuador
Gabriele Cornelli, Universidade de Brasília, Brasil
Gerardo Ramírez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México
Jorge Larossa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha
Ikunori Sumida, Universidade de Kyoto, Japão
Ionel Buse, C. E. Mircea Eliade, Unicersidade de Craiova, Romênia
Isabella Tardin Cardoso, UNICAMP, Brasil
Jean-Jacques Wunnenberger, Université Jean Moulin de Lyon 3, França
João de Jesus Paes Loureiro, UFPA, Belém, Brasil
João Francisco Duarte Junior, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil
Linda Napolitano, Università degli Studi di Verona, Itália
Luiz Jean Lauand, USP, Brasil
Marcos Antonio Lorieri, UNINOVE, Brasil
Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, USP, Brasil
Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, España
Mario Miranda, USP, Brasil
Patrícia P. Morales, Universidad Pedagógica Nacional, Ecuador
Pilar Peres Camarero, Universidad Autónoma de Madrid, España
Rainer Guggenberger, UFRJ, Brasil
Regina Machado, USP, Brasil
Roberto Bolzani Júnior, USP, Brasil
Rogério de Almeida, USP, Brasil
Soraia Chung Saura, USP, Brasil
Walter Kohan, UERJ, Brasil

ROGÉRIO DE ALMEIDA & MARCOS BECCARI

(orgs.)

FLUXOS CULTURAIS

ARTE, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS



GALATEA

DOI: 10.11606/9788560944811

·FEUSP

SÃO PAULO, SP
2017

© 2017 by organizadores

Coordenação editorial: Rogério de Almeida e Marcos Beccari

Projeto Gráfico, Capa e Editoração: Marcos Beccari

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada fonte e autoria.
Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

F647

Fluxos culturais: arte, educação, comunicação e mídias. Organizadores Rogério de Almeida, Marcos Beccari. São Paulo: FEUSP, 2017.
425 p.

Vários autores.

ISBN: 978-85-60944-81-1 (E-book)

DOI: 10.11606/9788560944811

1. Arte-educação. 2. Comunicação de massa-educação. 3. Meios de comunicação. 4. Cultura. I. Almeida, Rogério de, org. II. Beccari, Marcos, org. III. Título.

CDD 22^a ed. 377.4

GALATEA (Selo Editorial) / FE-USP

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Avenida da Universidade, 308

São Paulo - SP - CEP 05508-040

SUMÁRIO

Fluxos Culturais: um ponto de partida	9
Rogério de Almeida & Marcos Beccari	
Quem tem medo da arte contemporânea?	24
Marcos Beccari	
Insídia do real: ou os vários tons do preto	41
Luiz Antonio Callegari Coppi	
Não existe fronteira para a minha poesia: diálogos entre a cultura hip hop e a tradição da MPB	55
Rosana Soares & Eduardo Vicente	
Café com bobagem: memes da internet como chave para a compreensão dos desvios humorísticos e educacionais	74
Bolívar Teston de Escobar	
O riso e sua relação com a Pedagogia do Palhaço	92
Marco Antonio da Silva	
Os <i>sitcoms</i> engajados dos anos 1970: uma análise de <i>The Mary Tyler Moore</i> e <i>All in the family</i>	108
Christian H. Pelegrini & Beatriz G. Silva	

O problema da superinterpretação das narrativas audiovisuais	133
Sílvia Anaz	
Pressão Pedagógica e Imaginário Cinematográfico Contemporâneo	151
Rogério de Almeida	
Da potência do inverno à redenção do verão: uma análise da representação do caminho para a “boa vida” no filme <i>Frozen</i>	178
Daniel B. Portugal	
<i>Mononoke Hime</i>: jornada anímica e o cinema mitoecológico de Hayao Miyazaki	194
Sabrina da Paixão Brésio	
A máquina extraviada: a fabricação de mitos no conto de José J. Veiga	216
Juliana Michelli S. Oliveira	
A personagem feminina na literatura infantil: identidade e representação	231
Júlia Porto	
Resistências do imaginário no livro infantil ilustrado	244
Guilherme Mirage Umeda	
Cultura e educação afro-ameríndia: fluxos da experiência na FE-USP	258
Marcos Ferreira-Santos	

“Uma flor rompe o asfalto”: poesia na academia? Travessias entre linguagens no Lab-Arte (FE USP)	276
Barbara Muglia-Rodrigues, Miraci Tamara Castro & Nádía Tobias	
Haicai, Fotografia e Educação de Sensibilidade	298
Fernando de Carvalho Lopes	
Detalhes de um percurso	317
Grácia Lopes Lima	
A Utopia da Comunicação e o Fim da Educação	331
Alberto Filipe Araújo & José Augusto Ribeiro	
Colaboração, cooperação e reflexão docente-discente no ensino superior: relato de movimentos de ensinagem na disciplina de Design de Embalagens	351
Carolina Calomeno	
“Cómo hacen eso?”: entrevistando artistas, refletindo sobre Dança e Teatro na Educação da primeira infância	371
Patrícia Dias Prado	
Projeto Oficina: Paleontologia, Arte Rupestre e Arqueologia na escola	393
Rodrigo da Silva Guimarães Gonçalves	
O cansaço ordinário em nossos dias: Dialogando com Byung-Chul Han	412
Louis P. J. Oliveira	

A Utopia da Comunicação e o Fim da Educação¹

Alberto Filipe Araújo² & José Augusto Ribeiro³

Introdução

Na contemporaneidade assistimos a um autêntico frenesi comunicacional. Estamos envolvidos em trocas permanentes de informação e comunicação e acreditamos, por uma espécie de pensamento mágico, que este estudo pode constituir o remédio para todos os nossos problemas. Contudo, apesar da performatividade da comunicação, da sua abundância e velocidade, o ser humano não conseguiu o mesmo grau de acréscimo na compreensão do mundo e de si próprio. A torrente de informação e de comunicação não se traduz em verdadeiro conhecimento. Saltamos de experiência em experiência procurando sempre a última notícia e não temos tempo para refletir sobre os acontecimentos, as novidades e os dados de toda a espécie que invadem as nossas mentes através da rádio, televisão, cinema, internet ou telemóvel. Vivemos numa profusão caótica de informações, mas não conseguimos processar os dados informacionais e tudo acaba por ter o mesmo valor. O mundo torna-se plano tal como os ecrãs em que este nos chega, de forma imediata e superficial.

1. Optamos por manter ao longo deste capítulo a grafia original de Portugal, consoante seus autores.

2. Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade do Minho. E-mail: afaraujo@ie.uminho.pt.

3. Investigador e colaborador do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. E-mail: jauribeiro@gmail.com.

Ganhamos em comunicação e informação, mas escapa-nos o controlo e a inteligibilidade das coisas e a impotência e a desorientação apoderam-se dos indivíduos. Para Lipovetsky e Serroy (2010, p. 183), “*as soluções da época moderna perderam a sua credibilidade*”, daí que seja necessário procurar uma *política de civilização* que possibilite uma restauração ética e uma regeneração da vida social, política e individual. Segundo o autor, necessitamos de encontrar alternativas à ordem do mercado globalizado e civilizar a *cultura-mundo*. Por outro lado, os problemas e as dificuldades que encontramos nas sociedades pós-modernas afetam, inevitavelmente, a educação e a escola. A renovação da educação e da escola tem de ser constante, mas a diversidade de pontos de vista e a ausência de referências vêm contribuir para o avolumar das dificuldades e para o clima de confusão e desorientação em que vivemos. Neste sentido, a nossa finalidade é interrogarmo-nos sobre esta vertente exagerada da comunicação e problematizar esta nova utopia, discutindo as suas consequências ao nível educacional.

Tudo é comunicação

A revolução tecnológica nas suas mais variadas facetas, com base na informação e comunicação, conduziu a transformações profundas na forma como vivemos e pensamos. Estas transformações são resultado da interação entre inúmeros fatores que caracterizam esta Era da Comunicação: “*informacionalização, globalização, atividades em rede, construção de identidades*” (Castells, 2003, XXVI). Num mundo interdependente a tecnologia da informação constitui a ferramenta fundamental para toda a reestruturação socioeconómica, dando lugar à sociedade em rede, à economia global e à cultura da virtualidade. O capital e o trabalho sofreram grandes transformações: “*a reestruturação da economia e a crítica da cultura convergiram para o redefinir histórico das relações de produção, poder e experiência em que se baseiam as sociedades*” (ibidem, p. 463).

A nova sociedade desenvolve-se em interação com uma nova economia, informacional e global. Deste modo, surge uma nova visão do real onde tudo pode ser explicado em

termos de relações e em que a comunicação assume um valor determinante. Como explica Philippe Breton, este paradigma unificador, que marca o discurso sobre a comunicação, tem a sua origem na cibernética através do seu fundador: Norbert Wiener. Para Breton (1994, p. 17), “a cibernética está, com efeito, explicitamente voltada para a investigação das leis gerais da comunicação, quer estas digam respeito a fenómenos naturais ou artificiais quer impliquem as máquinas, os animais, o homem ou a sociedade”. Norbert Wiener estabelece a comunicação como valor central para o homem e para a própria sociedade, criticando o uso “não humano” do homem, nos diferentes regimes políticos, não só os totalitários, mas também as democracias liberais. A perspetiva deste matemático inaugura uma visão do mundo global e unificada, organizada em torno do eixo da comunicação. Wiener considera que o universo, enquanto sistema fechado, caminha para um nivelamento absoluto que conduzirá necessariamente para a sua destruição. Assim, compete ao ser humano fazer recuar a entropia e “o papel da comunicação é, pois, o de atacar ao mesmo tempo a desordem gerada pelo Homem e o Mal que a natureza transporta consigo” (Breton, 1994, p. 31). A circulação da informação contribui para tornar os sistemas “abertos” e, neste sentido, os fenómenos da comunicação assumem uma importância decisiva. Deste modo, a comunicação surge como a chave dos fenómenos e pode ser aplicada a todos os domínios da existência, desde a política à educação.

A Sociedade da comunicação

O progresso dos sistemas de comunicação ao nível da informação e dos transportes conduziu à tese de que vivemos num único mundo, a *aldeia global* (McLuhan, 2008). A comunicação eletrónica permite transmitir informações em tempo real, de modo instantâneo, e pessoas e mercadorias deslocam-se a grande velocidade pelo planeta. O tempo e o espaço foram comprimidos e todos os lugares do mundo estão numa interdependência absoluta: “O espaço e o tempo, as bases materiais da experiência humana

foram transformadas à medida que o espaço de fluxos passou a dominar o espaço de lugares e o tempo atemporal passou a substituir o tempo cronológico da Era industrial” (Castells, 2003, XXV).

Os negócios, as finanças, o comércio e o fluxo de informação, pessoas e bens assumem dimensões planetárias, criando uma sociedade cosmopolita global. Tudo está em movimento a grande velocidade e de modo irreversível: “a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (Bauman, 1999, p. 8). Mas a globalização não traz só vantagens, acarreta progressiva segregação espacial, separação e exclusão. Os centros de decisão são deslocados, as empresas deixam de estar ligadas ao território, o capital circula com menor controlo, a coesão social enfraquece e surge uma acentuada polarização entre a elite nómada e a restante população: “o novo centro dá um novo verniz às distinções tradicionais entre ricos e pobres, nómadas e sedentários, “normais” e anormais ou à margem da lei” (ibidem, p. 9).

O poder económico e financeiro está desterritorializado e o espaço público vai desaparecendo. Surgem as preocupações com a segurança e a incerteza, o mercado de trabalho torna-se flexível e as assimetrias alastram. Por outro lado, a flexibilidade social depende, na perspetiva de Zygmunt Bauman, do esquecimento e da comunicação barata: “a comunicação barata inunda e sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-la” (ibidem, p. 23).

O capitalismo torna-se mais flexível e informacional, conduzindo a desigualdades sociais e a uma acentuada polarização social entre ricos e pobres. A mão-de-obra também está fortemente dividida entre uma elite autoprogramável e uma mão-de-obra genérica. A grande diferença entre estes dois tipos de trabalhadores é, de acordo com Manuel Castells, a educação e a capacidade de atingir graus educacionais mais elevados. O autor distingue entre educação e conhecimento especializado e esclarece que este último corre o risco de tornar-se rapidamente obsoleto devido às mudanças tecnológicas e organizacionais. Para o sociólogo a educação: “é o processo pelo qual as pessoas, isto é, os trabalhadores, adquirem

a capacidade para uma redefinição constante das especialidades necessárias a determinada tarefa e para o acesso a fontes de aprendizagem dessas qualificações especializadas” (Castells, 2003, p. 464-465).

Vivemos na *cultura da virtualidade real*, toda a existência está mergulhada num ambiente virtual que domina a nossa imaginação e os nossos sistemas de representação. Esta é a sociedade em rede: “constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura do virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço” (ibidem, p. 476). Neste sentido, surge o projeto utópico em redor da comunicação e, conseqüentemente, a crença numa sociedade ideal e num homem novo:

[...] o *Homo communicans* é um ser sem interioridade e sem corpo, que vive numa sociedade sem segredos, um ser por inteiro voltado para o social, que não existe se não através da informação e da permuta, numa sociedade tornada transparente graças às novas máquinas de comunicar (Breton, 1994, p. 46).

Comunicação e visibilidade

A sociedade contemporânea da hipercomunicação exige do homem uma comunicação sem segredos. Através das máquinas de comunicar o homem está inteiramente voltado para o social e a sociedade deseja a transparência. Como explica Byung-Chul Han (2013, p. 11): “as coisas tornam-se transparentes quando abandonam qualquer negatividade, quando se alisam e aplanam, quando se inscrevem sem resistência na torrente lisa do capital, da comunicação e da informação”. Para este pensador, a transparência é uma coação sistémica que se apodera do domínio social e provoca profundas transformações. A sociedade pós-moderna entrega tudo à comunicação e à visibilidade, por via do capitalismo tudo se torna mercadoria e deve ser exposto. Em síntese, vivemos na sociedade do espetáculo como já o tinha pressentido Guy Debord na sua obra *A Sociedade do Espectáculo* (1967).

A contemporaneidade encara a vida humana como aparência. Para Guy Debord (2012, p. 10), o espetáculo é uma concepção do mundo que se objetivou, estamos confrontados com o monopólio da aparência: “sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante”. A vida deixa de ser vivida para ser representada (Goffman, 1995), o indivíduo torna-se um consumidor de ilusões, procura apenas a diversão e o prazer. Por seu lado, a mundialização do capitalismo e a extraordinária revolução tecnológica conduzem a uma cultura global, onde o denominador comum é a imagem e a musicalização. Como explica Vargas Losa (2012, p. 25), este processo sofreu uma forte aceleração com a criação das redes sociais e com a influência da internet: “não só a informação quebrou todas as barreiras e ficou ao alcance de todo o mundo, praticamente todos os domínios da comunicação, da arte, da política, do desporto, da religião, etc., experimentaram os efeitos reformadores do pequeno ecrã”. Apesar do grande desenvolvimento científico e tecnológico, o homem contemporâneo sofre uma grande desorientação ao nível existencial, o progresso revela o seu lado obscuro. A revolução digital possibilita a comunicação em rede, a sociedade assiste à proliferação dos blogs, do *Twitter*, do *Facebook*, do *Skype* e de outros sistemas de comunicação, mas a explosão da ordem digital acarreta enormes riscos e consequências negativas ao nível da cultura, da sociedade e do próprio indivíduo.

As “Tecnologias da Informação e da Comunicação” começam a ser alvo de fortes críticas; alguns investigadores, como Nicholas Carr (2011), chamam a atenção para os perigos inerentes ao uso desmesurado destes meios. A luminosa visão associada aos prazeres e benefícios da revolução tecnológica, nas suas diferentes expressões, especialmente a virtual e digital, oculta uma parte da realidade que pode ser exploradora, manipulatória e tóxica. A fé neste tipo de tecnologia leva as pessoas a acreditarem no seu poder para resolver todos os problemas. Esta espécie de panaceia para os males individuais e sociais impede o questionamento e a crítica, não é, pois, politicamente correto problematizar os efeitos negativos da técnica e, especificamente, as novas redes de informação e comunicação. Ainda que num contexto diferente, Neil Postman (2002, p. 24) fala do deus da Tecnologia dizendo

que se trata de uma narrativa de poder em tudo muito parecido com a crença religiosa, além de ser adorada como se de um deus realmente se tratasse: “Traz-nos utilidade, eficiência e prosperidade aqui e agora; para além do mais, oferece os seus benefícios a todos os ricos e pobres, tal como acontece com o Deus cristão”. Daí que o autor (ibidem, p. 55) quando se refere ao deus da Tecnologia assim se expresse:

[...] no sentido em que as pessoas acreditam que a tecnologia funciona, confiam nela, crêem nas suas promessas, sentem-se despojadas quando lhes é negado o acesso a essa mesma tecnologia, ficam encantadas na sua presença, que, para a maioria de nós, funcional envolta em mistério, condenam aqueles que a atacam, temem-na e, ao estilo dos cristãos renascidos, alteram o seu tipo de vida, os seus horários, os seus hábitos e os seus relacionamentos em função desta. Se isto não é uma forma de crença religiosa, o que será?

As tecnologias digital e virtual imprimem a hipervelocidade do ritmo de vida, promovem a lógica do consumismo e exigem do indivíduo um rendimento cada vez maior. Por sua vez, a cultura é trivializada e homogeneizada, aumenta a busca do mero entretenimento e os comportamentos aditivos, somos invadidos pelo acessório e deixamos de pensar naquilo que é essencial. Os meios digitais e virtuais alteram profundamente a nossa forma de pensar, de agir e de sentir, a sociedade sofre uma enorme fragmentação, o individualismo aumenta e a vida torna-se extremamente acelerada e competitiva. As relações entre as pessoas passam a ser mediadas pela eletrónica e assistimos ao definhamento da privacidade: “o privado agora é público, e pode ser celebrado e consumido por inumeráveis ‘amigos’ e algum outro usuário” (Bauman; Lyon, 2013, p. 23), tal com acontece com a falta de anonimato no *Facebook* e outros meios, ligados às redes sociais que a internet coloca à nossa disposição.

Agora o que conta é a visibilidade, o indivíduo só é relevante se estiver devidamente iluminado através dos meios digitais, ele está obrigado a manifestar constantemente a sua presença e tem de construir uma imagem melhorada de si mesmo, uma identidade virtual, o contacto face a face é substituído pelo ecrã. A tecnologia transfigurou a comunicação

humana: “o que se ressent, como consequência, é a intimidade, a profundidade e a durabilidade da relação e dos vínculos humanos” (ibidem, p. 27). Paradoxalmente a grande revolução da comunicação humana acaba por comprometer muitos dos aspetos exigidos pela “comunicação real”, como explica Bauman (ibidem, p. 46): “a consequência última de tudo isto é que os desafios da comunicação ‘de eu a tu, de nós a vós’ resultam cada vez mais desalentadores e confusos”.

A superficialidade das relações

Gilles Lipovetsky (1988, p. 48) salienta que em paralelo com a revolução informática acontece uma revolução interior: “um fascínio sem precedentes pelo autoconhecimento e pela autorrealização”. As paixões do indivíduo são canalizadas no sentido do Eu que se torna a preocupação central e contribui para o aprofundamento da fragmentação social. Neste sentido, alastra a nova ética permissiva e hedonista: “o esforço deixou de estar na moda, o que significa coerção ou disciplina austera é desvalorizado em proveito do culto do desejo e da sua realização imediata” (ibidem, p. 54). Recorrendo a Nietzsche, o autor explica o enfraquecimento da vontade em resultado da pluralidade e da desagregação dos impulsos que aniquilam os sistemas psíquicos organizados e derretem a rigidez de uma sociedade dirigida, em nome de uma sociedade que agora é comandada do interior, cultivando a singularidade e a diferença. Assistimos, pois, a uma fragmentação crescente que faz explodir a solidez que restava da sociedade moderna, estimulando a dispersão e a não-diretividade. A subjetivação e a psicologização invadem a sociedade pós-moderna, promovendo o “culto da personalidade”:

A falta de atenção dos alunos, de que todos os professores hoje se queixam, não é senão uma das formas desta nova consciência *cool* e desenvolta, ponto por ponto análoga à consciência telespetadora, captada por tudo e por nada, ao mesmo tempo excitada e indiferente, sobressaltada pelas informações (ibidem, p. 54).

Mas este sujeito que revela uma paixão por si e se mostra insensível aos papéis sociais, manifesta também uma obsessão pela revelação íntima do Eu. Sacrificando a privacidade, o indivíduo procura desvendar a sua personalidade e exprimir os seus sentimentos em nome de uma verdade pessoal e quebrando as barreiras sociais que protegem as pessoas umas das outras, garantindo a civilidade.

O indivíduo afirma-se pela sua indiferença aos valores sociais e morais tradicionais e só a esfera privada sai vitoriosa das transformações operadas pelos desejos dos indivíduos: “Ter relações inter-individuais sem ligação profunda, não se sentir vulnerável, desenvolver a sua independência afetiva, viver sozinho,” (Lipovetsky, 1988, p. 72). Vivemos uma impossibilidade de sentir verdadeiramente as coisas e os outros, nas palavras de Lipovetsky, uma “estratégia do vazio” (idem). Um vazio caracterizado pela superficialidade das relações, pela indiferença face ao outro, pelo “vazio emotivo” (idem).

Como explica Zygmunt Bauman, na líquida sociedade moderna existe uma misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, as pessoas sentem-se inseguras e têm desejos contraditórios acerca dos laços que estabelecem. A furiosa “individualização” do mundo contemporâneo provoca uma forte ambivalência acerca do “relacionamento”. Por um lado, estamos totalmente disponíveis para novos laços, convívio e amizades, mas, por outro lado, temos receio da incerteza, da frustração e do compromisso a longo prazo. Para o autor, os indivíduos estão preocupados com uma coisa e falam de outra: “garantem que o seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é ‘relacionar-se’. Mas será que, na verdade, não estão principalmente preocupados em evitar que as suas relações acabem congeladas e coaguladas?” (Bauman, 2003, p. 12). Daí que em vez de utilizarem termos como “relacionar-se” ou “relacionamentos”, as pessoas optem por designações como “estar conectado” ou “conectar-se”. O termo parceiros dá lugar a “redes”: “uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades” (ibidem, p. 14).

Deste modo, as ligações entre os indivíduos tornam-se “relações virtuais” e estas “conexões” acabam por estabelecer o padrão que orienta os diferentes relacionamentos. As “Tecnologias da Informação e da Comunicação” tornam mais fácil entrar e sair de um re-

lacionamento, basta o recurso à tecla *delete*. Comunicar através da rede virtual estabelece uma separação entre o “fisicamente distante” e o “espiritualmente remoto”: “a proximidade já não exige a contiguidade física; e a contiguidade física já não determina a proximidade” (ibidem, p. 86). Esta proximidade virtual aumenta a frequência das conexões humanas, mas estas tornam-se mais superficiais e mais breves. Agora os contatos requerem menos esforço e menos tempo para se efetuarem, bem como para serem rompidos: basta clicar. Deste modo, “estar conectado é menos custoso do que ‘estar engajado’ – mas também consideravelmente menos produtivo em termos de construção e manutenção de vínculos” (idem).

Contemporaneidade e educação descartável

Zygmunt Bauman (2011, p. 106) defende que a atual crise da educação é completamente diferente das crises do passado, na medida em que os desafios contemporâneos constituem “um duro golpe na essência da ideia de educação, tal como se concebeu no limiar da larga história da civilização”. Vivemos, segundo o sociólogo, numa época em que se identifica o progresso com os atalhos, as pessoas, na tentativa de poupar tempo e esforço, evitam cada vez mais tarefas. Daí que em vez de fazer as coisas optem por comprá-las, por isso recorrem à comida rápida, ao pronto-a-vestir e tentam evitar tudo o que implica espera ou esforço. A vida acelerada dá lugar ao que Bauman designa por “*síndrome de impaciência*”, os indivíduos não suportam esperar e querem aceder à gratificação instantânea, procurando anular o espaço de tempo entre o desejo e a satisfação.

A velocidade a que as coisas acontecem coloca em causa a sua solidez: “no mundo líquido, a solidez das coisas, à semelhança da solidez dos vínculos humanos, tende a ser percebida como uma ameaça” (ibidem, p. 106), as pessoas não querem estar ligadas às coisas ou aos outros durante toda a vida, pelo contrário, têm alegria em “terminar”, “romper”, “desligar-se de”: “o consumismo atual não consiste na acumulação de coisas, mas sim no seu desfrute instantâneo de ‘usar e deitar fora’” (ibidem, p. 107).

A mudança acelerada leva à desconfiança, por parte dos nossos jovens, da solidez dos conhecimentos atuais ou da sua importância para o futuro, acabando por valorizar o uso instantâneo e prático do saber, em detrimento da crença num conhecimento duradouro. Como esclarece Zygmunt Bauman, a educação deixa de ser encarada como um produto e passa a ser perspectivada como um processo, ou seja, aquilo que a pessoa consegue não está completo e terminado, mas é antes um empreendimento que continua ao longo da vida. O conhecimento que supostamente era adquirido para toda a vida não tem agora grande valor, perdeu o seu encanto:

Os indivíduos não devem sentir-se apegados ao conhecimento que adquirem e, em hipótese alguma, precisam de se habituar a comportar-se conforme o sentido proposto por ele, pois todo o conhecimento, transformado agora em informação, apresenta-se ultrapassado muito rapidamente e pode mostrar-se enganoso em vez de proporcionar uma orientação confiável (Almeida et. al., 2009, p. 67).

O conhecimento serve para uso imediato e único, cumprindo o seu papel no momento, mas é alvo de suspeição quando é acumulado. Esta acumulação é considerada como a rigidez que impede a mudança e obstaculiza a flexibilidade, o conhecimento torna-se descartável e a educação já não serve para toda a vida. O indivíduo tem de conseguir romper com a sua formação e quebrar os seus hábitos, de modo a reorganizar as suas experiências e adaptar-se a novas situações.

O novo ideal cultural, marcado pela instabilidade social e pela fragmentação, corrói as instituições e, como explica Richard Sennett (2000), o próprio carácter dos indivíduos, levando a um progressivo desaparego das coisas e das pessoas. Tudo passa a ter um valor de consumo: “Os valores da nova economia converteram-se num ponto de referência para a maneira como o governo concebe a dependência e a autogestão em matéria de prestação de cuidados de saúde e reformas, ou sobre tipo de competências que o sistema educativo deve proporcionar” (Sennett, 2007, p. 17).

Citando Ralph Waldo Emerson, Zygmunt Bauman (2011, p. 109) afirma que hoje em dia “a salvação está na velocidade”, tal como quando se patina sobre o gelo fino, ou seja, a adaptação do indivíduo já não depende da solidez da sua formação, mas antes da flexibilidade e da leveza, e o sociólogo acrescenta:

[...] caminhar é melhor do que permanecer sentado, correr é melhor que caminhar, e surfar é melhor que correr. A leveza e a agilidade do surfista favorecem o *surf*, também ajuda que o surfista não seja demasiado exigente em relação às ondas que vêm e esteja sempre disposto a renunciar às suas preferências anteriores (idem).

Neste mundo de mudanças instantâneas, a memória, tão importante na educação tradicional, revela-se, como explica Zygmunt Bauman, inútil. O trabalho de memorização produz maior desperdício do que produtos úteis e não garante aquilo que poderá ou não interessar, deste modo, a memória deixa de ser entendida como um valor positivo. Tudo o que era sólido, nomeadamente os vínculos que ligavam as pessoas a longo prazo, é agora encarado como um obstáculo à mudança, já que contraria a cultura da flexibilidade do mercado aberto. O mesmo acontece com o mercado do conhecimento: “No nosso mundo volátil e errático de mudanças instantâneas, os costumes estabelecidos, os marcos cognitivos sólidos e as preferências pelos valores estáveis, aqueles objetivos últimos da educação ortodoxa, convertem-se em desvantagens” (Bauman, 2008, p. 37).

A incerteza e a ambiguidade em que vivemos leva as pessoas a utilizar a aprendizagem enquanto ela é temporariamente útil para, no momento seguinte, deitar fora determinados conhecimentos que já não servem e têm de ser substituídos: “a única regra a servir de guia é a relevância momentânea do assunto” (Almeida et. al., 2009, p. 67). Zygmunt Bauman compara esta forma de conceber o conhecimento ao modo como nos relacionamos com café, este só nos agrada quando é quente e forte, quando arrefece perde o gosto. Do mesmo modo, o conhecimento enquanto informação é servido como café e deixa de ser saboreado rapidamente, em detrimento, de outros assuntos, das novidades. Num mundo sobressaturado de informação e de comunicação, temos de aprender a “deitar fora”,

a “esquecer” o que aprendemos, de maneira a enfrentar a desregulação em que vivemos e o caos gerado pela massa de conhecimento e de informação, que confundem as pessoas e contribuem para a desvalorização do trabalho docente.

A necessidade de constante atualização conduz ao culto da educação ao longo da vida, de modo a estar atento às constantes novidades que se sucedem em catadupa e no sentido de explorar o potencial que se encontra, nas palavras do autor, nos depósitos ainda inexplorados.

A educação tradicional que representava a marcha triunfal do conhecimento avançava, segundo o sociólogo, em duas frentes: pela primeira representava o mundo e tornava-o inteligível, enquanto pela segunda frente expandia o cânone educativo, ampliando as capacidades dos educandos (os “homens educados”). Contudo, no mundo instável em que vivemos, perdemos o apoio seguro e a própria “informação já não nos fala do mundo, mas converteu-se em núcleo principal do desconhecido” (Bauman, 2011, p. 117). E o sociólogo esclarece:

É a informação a que parece demasiado vasta, misteriosa e selvagem, como se o seu estatuto de caminho real para conhecer o mundo acabasse por se reciclar num obstáculo fundamental para aceder a esse conhecimento. Os imensos volumes de informação que competem pela atenção resultam, para os homens e mulheres contemporâneos, consideravelmente mais esmagadores, desalentadores e ameaçadores que os poucos “mistérios do universo” ainda não resolvidos (idem).

Esta massa gigantesca de conhecimento acumulado converteu-se no “arquétipo contemporâneo da desordem e do caos” (ibidem, p. 118), a informação disponível tornou-se impenetrável, ou seja, apesar de estar disponível e do acesso ser fácil, a informação tornou-se indistinta, todos os conteúdos assumem um valor uniforme, impossibilitando distinguir o trigo do joio. Zygmunt Bauman alerta para o perigo desta indistinção da massa de informação, que ameaça a confiança humana, chamando a atenção que qualquer resposta aos nossos problemas acaba por ser neutralizada por outra, tal como acontece nos concursos televisivos, onde todas as respostas têm igual estatuto independentemente da

importância dos temas: “nesta massa foram-se derrubando e dissolvendo progressivamente todos os mecanismos ortodoxos de ordenamento” (Bauman, 2008, p. 45). Todos os conteúdos acabam por se igualar, anulando as distinções, o grau de importância e volatilizando de modo desconcertante o valor do conhecimento. Daí que Zygmunt Bauman (ibidem, p. 46) defenda que uma das tarefas mais difíceis e urgentes a implementar, no âmbito da educação, está relacionada com a importância das diversas porções de informação e de conhecimento, de modo a possibilitar a distinção entre o que realmente importa e aquilo que é acessório, permitindo aos alunos “aprender a arte de viver num mundo sobressaturado de informação”.

O mal-estar na educação

As mudanças radicais que abalam as sociedades contemporâneas conduzem as pessoas a novos estilos de vida e ao ensaio de estratégias de sobrevivência que possibilitem a adaptação às transformações que ocorrem a uma velocidade estonteante. O fenómeno da comunicação globalizada, a nova economia, o consumismo desenfreado e o processo de personalização, constituem algumas das dimensões que tornaram disfuncionais as velhas instituições e provocaram a desintegração social, criando insegurança e confusão nas pessoas. Por outro lado, antigos valores como o esforço, o trabalho ou a autoridade, são estilhaçados e em seu lugar surgem o hedonismo, a sedução ou o consumismo. Vivemos numa sociedade que privilegia o imediato, o efêmero e a aparência, onde a aceleração torna tudo obsoleto e exige sempre o novo, o que está na moda, obrigando as pessoas a uma reciclagem permanente de conhecimentos, princípios, valores e, mesmo de identidades - tudo se torna líquido e fluído. Alvin Toffler e Heidi Toffler (2007, p. 213) defendem que “nenhuma instituição supostamente ‘moderna’ é mais disfuncional e obsoleta do que a responsável pelo ensino público, mesmo em países com economias avançadas”. Para o autor, a escola está concebida como uma fábrica que procura um funcionamento cada vez mais eficiente, assente num princípio de educação em massa. As escolas preparam alunos

para profissões que deixarão de existir, o autor chama a isso “roubar o futuro” e esclarece que este sistema não “consegue ajudar os miúdos a lidarem com a crescente complexidade e com as novas opções de vida com que se deparam em relação ao sexo, casamento, ética e outras vertentes da sociedade emergente” (ibidem, p. 385).

Compreender a mudança que ocorre na sociedade da comunicação e do conhecimento, requer uma mente preparada para enfrentar as necessidades futuras. O mundo muda a uma velocidade vertiginosa e as organizações tornam-se inadequadas, deste modo, as modificações exigem uma reconstrução ou substituição. A escola e o ensino precisam de se ajustar rapidamente à evolução da sociedade, ao aumento da comunicação e do conhecimento e às novas tecnologias, temos de responder a uma complexidade que não pára de crescer.

Edgar Morin estabelece uma relação direta entre a reforma do pensamento e a reforma do ensino, considerando que são inseparáveis. Recorrendo a Montaigne, o autor considera que a primeira finalidade do ensino é definida pelo princípio: “mais vale uma cabeça bem-feita do que bem cheia” (Morin, 2002, p. 23). Em vez de uma cabeça que apenas acumula saber, sem qualquer organização ou seleção, o importante é dispor de “uma aptidão geral para colocar e tratar problemas. Princípios organizadores que permitem religar os saberes e dar-lhes sentido” (idem). Como não podemos ensinar tudo, “a escola deve, com efeito, transmitir menos saber mas torná-lo mais acessível” (ibidem, p. 41). Já que não podemos prever o futuro temos de o preparar, ou seja, é necessária uma cabeça bem-feita, em vez de uma mera acumulação de conhecimentos. Na sociedade da comunicação e do conhecimento, a produção de informação é colossal e a grande tarefa a realizar é conseguir gerir as ideias. Deve ser evitada a acumulação estéril de informação e conhecimentos, de maneira a privilegiar a articulação e a síntese, possibilitando contextualizar e globalizar os saberes.

A escola é uma instituição intrinsecamente conservadora e que mantém muitas das suas tradicionais atividades, como a leitura, a escrita, os exercícios, etc. Contudo, fora da escola tudo está diferente, as crianças e os jovens têm acesso a uma quantidade de meios de comunicação e dispõem de indústrias que trabalham para o seu lazer e entretenimento. A

informação e o conhecimento circulam em tempo real e a tecnologia renova-se todos os dias, dando origem a novos hábitos, atitudes e expectativas. Quando entra para a escola, a criança já viveu experiências de grande profundidade, a partir da televisão, do cinema ou da internet.

A sala de aula constitui um mundo à parte, onde as matérias surgem de forma fragmentada e onde o envolvimento não consegue competir com aquele que obtém no exterior, deste modo, a motivação vai desaparecendo e a atenção torna-se cada vez mais escassa. Segundo McLuhan (2009, p. 144): “O ambiente exterior é uma grande máquina de ensinar carregada de mensagens, enquanto o ambiente interno da sala de aula é insignificante, fraco, especializado, de dados classificados, semelhante a procurar palavras no dicionário”. Se a escola não se modificar rapidamente e de forma radical será substituída por outras instituições com outra capacidade de resposta. Hoje em dia, a escola entra em choque com a televisão e com a internet, mas também com os jogos, com o telemóvel, com as redes sociais etc.

Confrontada com novos e difíceis desafios, a escola necessita de transformar as suas metodologias e recompor os seus objetivos em relação ao saber. A reforma da escola deve conduzir a uma maior abertura ao exterior e à interacção com horizontes mais alargados, bem como à procura de uma dinâmica que possibilite a experimentação. Trata-se de apostar numa escola que ultrapassa a dimensão meramente teórica e tenta, através da abertura ao exterior, o acesso a experiências com os diferentes sectores da sociedade, quebrando os “muros” da instituição e promovendo a convivência e a prática com situações reais, ampliando a conceção do mundo e estimulando a abertura aos outros. Deste modo, a permissividade reinante deverá dar lugar ao respeito pelos outros e à aprendizagem progressiva das regras de convivência e à interiorização dos limites dentro de uma sociedade, no sentido de descobrir a importância do saber, do esforço e do trabalho. Os desafios que se colocam hoje à educação exigem profundas mudanças no sistema educativo. É urgente refletir sobre os efeitos da sociedade da comunicação, do conhecimento e da revolução digital sobre a escola e debater a reestruturação do sistema educativo. Para Manuel Castells (2004, p. 320): “antes de começar a mudar a tecnologia, a reconstruir

as escolas e a reciclar os professores, necessitamos de uma nova pedagogia, baseada na interactividade, na personalização e no desenvolvimento da capacidade de aprender e pensar de forma autónoma”. Esta é, na verdade, uma questão angular na agenda da pedagogia crítica de orientação freiriana (Freire, 1975).

A sociedade contemporânea convoca os indivíduos para se tornarem produtores e não meros consumidores. Na atualidade, os meios tecnológicos de suporte digital ou virtual ao nosso alcance permitem uma participação criadora na sociedade, nomeadamente através do enorme potencial da internet. Neste sentido, as “Tecnologias da Informação e Comunicação” transformam cada indivíduo num criador e obriga a pedagogia a adaptar-se à nova era da educação.

O estudante terá que participar na sua aprendizagem, ele tem cada vez mais necessidade de envolvimento nos diferentes processos criativos e a mera instrução deve dar lugar à descoberta. As salas de aula e os *currícula* terão de reorganizar-se para responderem às necessidades emergentes, procurando criar ambientes que promovam a circulação da informação, a articulação dos saberes e a realização de atividades que possibilitem a verdadeira participação do aluno e promovam as suas capacidades de interatuar e de transformar aquilo que o rodeia, de modo a aprofundar a aprendizagem e a desenvolver-se enquanto pessoa.

Conclusão

A crise educativa não significa o fim da educação. Quando nos interrogamos sobre a finalidade da educação devemos ter presente a afirmação de Kant (2004, p. 12): “o homem só se pode tornar homem através da educação”. A contemporaneidade está marcada por um conjunto de características que modificaram radicalmente a sociedade, o modo de viver, as ideias e os valores. As transformações ocorridas estão relacionadas com aspectos como: o advento das “Tecnologias da comunicação e da informação, a globalização, o processo de personalização, a nova economia, entre outros. Por outro lado, ao nível educativo vivemos

a maior crise de sempre, na medida em que estas condições acabaram por conduzir a uma lenta mas irreversível deriva cultural que ninguém controla. A sociedade da comunicação vive uma era de instantaneidade, de fragmentação e desintegração social.

Como afirma Nicholas Carr (2011, p. 253-254): “tornamo-nos mais científicos, mas também nos fizemos um pouco mais mecânicos”. A coisificação do homem exige o máximo de rendimento, mas o desnível entre o ser humano e máquina provoca cansaço e esgotamento. Perante os novos meios, os elementos humanos são considerados antiquados. Quando a internet, através dos seus motores de busca de que o Google é um bom exemplo, nos faculta tudo, de modo imediato e sem esforço, a imaginação e a criatividade tornam-se qualidades arcaicas porque reduzidas à sua expressão hipo, quer dizer que a potência criadora da imaginação se encontra reduzida a um nível de criatividade mínima. Por seu lado, a hipercomunicação gera fragmentação e dispersão, obstaculizando a concentração, a profundidade e a crítica. A sobre-informação torna o esforço supérfluo e provoca uma progressiva insensibilidade moral. A sociedade pós-moderna vive uma crise educativa sem precedentes, o que nos levou a problematizar a finalidade da educação e a questionar se esta está a chegar ao seu fim. Ou seja, será que é possível continuar a educar numa sociedade onde a comunicação e a informação circulam sem limites? Em que medida o adulto, pai ou professor consegue ainda educar?

O nosso erro está na crença de que a informação e a comunicação vão mudar o mundo e conduzir à resolução de todos os nossos problemas, tal como nos parece indicar a obra de Michel Serres (2012) intitulada *Polegarzinha*. Mas a nova educação precisa de ter em conta que o ser humano tem necessidades superiores e que os princípios orientadores devem ser determinados por valores. O modelo educativo que apenas contempla os conteúdos, as informações ou a comunicação superficial é, na nossa perspetiva, reducionista, já que esquece a filosofia dos fins, ou seja, a preocupação com a eficácia acaba por sacrificar a orientação humanista, cuja preocupação deve ser o desenvolvimento de seres humanos autorrealizados.

As nossas escolas necessitam, pois, de voltar a ensinar valores como a verdade, a beleza, a justiça ou o respeito, entre outros, de modo a combater a dessacralização da vida

quotidiana, a apatia e o cinismo que corroem a sociedade contemporânea. A escola necessita de ser reinstitucionalizada, de maneira a suscitar as posturas mentais do trabalho intelectual. Os ritmos do espaço e do tempo devem adquirir uma nova estruturação em função do coletivo e devem ser instituídos rituais que possibilitem consolidar a atenção e o interesse dos alunos no sentido de os comprometer com as aprendizagens. O desnível entre a transformação do mundo e o desenvolvimento da humanidade deve interpelar a educação para que encontre um modelo educativo mais equilibrado e humanista, que possibilite a ampliação da nossa sensibilidade e da nossa reflexão. A escola tem de ajudar o aluno a sentir, a compreender as suas emoções, a expandir a capacidade da sua alma, alargar a sua imaginação e as suas ideias, evitando a resignação e a passividade.

Referências

- ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo & BRACHT, Valter. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003.
- _____. **Los Retos de la Educación en la Modernidade Líquida**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- _____. **44 Cartas desde el Mundo Líquido**. Madrid: Paidós, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida**. Madrid: Paidós, 2013.
- BRETON, Philippe. **A Utopia da Comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- CARR, Nicholas. **Superficiales: Qué Está Haciendo Internet con Nuestras Mentes?** Madrid: Taurus, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. III, O Fim do Milénio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Antígona, 2012.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1975.
- HAN, Byung-Chul. **La Sociedad de la Transparencia**. Madrid: Herder, 2013.
- LOSA, Mario Vargas. **A Civilização do Espetáculo**. Lisboa: Quetzal Editores, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1988.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura-Mundo**: Resposta a uma Sociedade Desorientada. Lisboa: Edições 70, 2010.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Lisboa: Alexandria Editores, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. **Compreender os Meios de Comunicação**: Extensões do Homem. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.
- _____. **Compreender-me**: Conferências e Entrevistas. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- MORIN, Edgar. **Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**: A Cabeça Bem Feita. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- POSTMAN, Neil. **O Fim da Educação**: Redefinindo o Valor da Escola. Trad. de Cassilda Alcobia. Lisboa: Relógio D'água, 2002.
- SENNETT, Richard. **La Corrosión del Carácter**: Las consecuencias Personales del Trabajo en el Nuevo Capitalismo. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.
- _____. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.
- SERRES, Michel. **Petite poucette**. Paris. Le Pommier, 2012.
- TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. **A Revolução da Riqueza**: Como será criada e como alterará as nossas vidas. 2ª ed. Lisboa: Actual Editora, 2007.